

A essência da teoria do jornalismo: entrevista com Marcos Paulo da Silva¹

Luciano Maluly²

1 Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

2 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. E-mail: lumaluly@usp.br.

Nascido no interior paulista, Marcos Paulo da Silva é um dos pesquisadores mais atuantes da nova geração de teóricos do jornalismo, com contribuições marcantes aos estudos de comunicação. A frase “as aparências das coisas importam mais que suas essências” é uma das marcas desta entrevista com o também professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Durante a sua trajetória acadêmica, o convívio com estudiosos do Brasil e dos Estados Unidos o influenciou, diretamente, na construção de um pensamento que possibilita a análise glocal dos fenômenos relacionados ao jornalismo, como a desinformação, e fornece elementos para a crítica da cobertura jornalística. Em entrevista a Luciano Maluly, professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA-USP, o entrevistado relatou sua contribuição aos estudos de jornalismo e da comunicação.

RUMORES – Você nasceu e estudou no interior do estado de São Paulo. Conte um pouco mais sobre sua trajetória até a descoberta pelo jornalismo.

Minha família é da região entre Pratânia e Lençóis Paulista, bem no centro do estado de São Paulo. Por circunstâncias do destino, nasci em Macatuba, também nessa região, mas me considero natural de Lençóis Paulista, onde cresci e vivi até a juventude. Desde criança, sempre gostei muito de ouvir e contar histórias de pessoas comuns. Apaixonei-me pela leitura e, principalmente, pela escrita. Minha mãe, professora primária, trabalhou durante um período na biblioteca da escola pública em que eu estudava. Passei a gostar dos livros. Foi em Lençóis Paulista que tive meu primeiro contato com o jornalismo nos anos 1980, ainda na infância, lendo e visitando jornais que ainda funcionavam no modelo antigo de tipografia. Mais tarde, já como jornalista, pude conviver com alguns dos personagens da história daquela imprensa local e ouvir várias memórias curiosas sobre o modo de se fazer jornalismo naquele canto do sertão paulista. No então colegial, atual ensino médio, fui a Bauru estudar no Colégio Técnico da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Assim a Unesp passou a ser a “minha casa” até a conclusão de meu mestrado, em 2007. cursar jornalismo nessa universidade representou um dos períodos de maior amadurecimento em minha vida. Além do processo natural de conhecimento

e de erudição a partir dos livros e das aulas num dos cursos mais tradicionais do país, também amadureci como pessoa e tornei-me apaixonado pelo jornalismo. Hoje, tento passar um pouco dessa paixão aos meus estudantes.

R – Em sua pesquisa de mestrado, você analisa aspectos de um semanário no interior paulista. Como essa dissertação ajuda a entender o jornalismo regional praticado ontem e hoje?

Essa região onde cresci teve uma forte influência da imigração italiana no final do século XIX e início do século XX. As marcas dessa colonização estão presentes na vida cotidiana da cidade até hoje, nos nomes de ruas e praças, nos sobrenomes das famílias mais tradicionais e, especialmente, nas relações de poder. Durante a faculdade, como sou apaixonado por jornalismo e história, mas estava também muito interessado em compreender o histórico da formação econômica, política e sociocultural daquela porção do território paulista, passei a me debruçar sobre a história do jornalismo regional. Isso acabou frutificando depois, quando retornei à universidade para cursar meu mestrado, em 2005, sob orientação do grande mestre e hoje amigo Ricardo Alexino Ferreira. Minha pesquisa buscava entender as relações entre os imigrantes italianos da região de Lençóis Paulista e a consolidação do jornalismo com base na história de um veículo criado na década de 1930 e que existe até hoje, então chamado de *O Eco*, depois renomeado como *O Eco*. Em meu começo de carreira, tive inclusive a oportunidade de trabalhar um breve período como repórter nesse jornal. A proposta da dissertação foi estudar por meio do jornalismo uma hipotética inversão de valores na relação entre a colônia italiana local e o nacionalismo do Estado Novo varguista após o posicionamento do Brasil no xadrez geopolítico em oposição aos países do eixo durante a Segunda Guerra Mundial, o que incluiu o envio de soldados brasileiros à região de Monte Castelo. Entretanto, eu sempre considerei que minha pesquisa de mestrado, embora muito bem amarrada metodologicamente, tinha um recorte muito limitado do ponto de vista empírico. Nunca pensei que, anos depois, poderia ver tanta validade e atualidade naqueles resultados para entender não somente o jornalismo, mas também a sociedade interiorana paulista atual. Os movimentos conservadores que se adensaram no

país desde 2013 e a ascensão de um discurso de extrema direita repercutido nas eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil mostraram-me que a pesquisa de mestrado tinha se revestido de atualidade, pois também teve o mérito de identificar algumas das raízes históricas desse fenômeno no âmbito local. Foi ainda a pesquisa de mestrado que me trouxe a consciência de que o estudo do jornalismo regional – isto é, o jornalismo praticado na maior parte das mais de 5,5 mil cidades brasileiras, de localidades que movimentam grande parcela da economia nacional e não estão no radar da grande mídia – sempre foi, como já chamara a atenção o ex-professor da Universidade de São Paulo, Dirceu Fernandes Lopes, muito negligenciado pela academia. Costumo dizer que, em última instância, entender o jornalismo regional é também entender a lógica desse Brasil profundo. Esse é certamente um dos motores de minha atividade atual de pesquisa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

R – Já no doutorado, você aprofunda algumas questões relacionadas à Teoria do Jornalismo no Brasil e nos Estados Unidos. Quando pensamos nas ciências do jornalismo desde Tobias Peucer e Otto Groth, quais aspectos dessa pesquisa ainda impactam na construção e, por conseguinte, na análise da notícia?

No doutorado acabei por mergulhar de vez no terreno das Teorias do Jornalismo. Consegui uma bolsa de estudos e fui trabalhar sob orientação do professor José Salvador Faro – uma das mentes mais privilegiadas que já conheci – no então prestigiado programa de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), no ABC paulista, que na época reunia nomes importantes para o campo, como José Marques de Melo, Círcia Peruzzo, Issac Epstein, Sandra Reimão e Elisabeth Gonçalves, além do próprio professor Faro. Como orientador, ele me incentivou a desenvolver uma interlocução entre as Teorias do Jornalismo e os Estudos Culturais, especialmente para compreensão das relações entre os chamados valores-notícia e os valores culturais presentes na vida cotidiana. Não por acaso, o título de minha tese foi *A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana*, na qual busquei respostas nas dimensões constitutivas da vida cotidiana para entender os fenômenos de seleção e de construção das notícias. Nesse percurso, em 2011,

tive a oportunidade de desenvolver um estágio-sanduiche nos Estados Unidos, na Syracuse University, em Nova York, sob orientação da professora Pamela Shoemaker, um dos nomes mais reconhecidos internacionalmente nos estudos teóricos em jornalismo. Eu não tenho palavras para agradecer a receptividade e a generosidade da professora Pamela para ajudar a tornar mais robustas as discussões teóricas da minha tese. Foi a partir dessa experiência em Nova York que passei a considerar fundamental a leitura do fenômeno da noticiabilidade como uma construção cognitiva, tal como feito por Pamela Shoemaker. Desde então, tenho combinado nos meus debates teóricos as dimensões constitutivas da noticiabilidade com as da vida cotidiana para entender o processo histórico de construção das notícias. Alguns autores podem considerar esse debate sobre a seleção e a construção das notícias como superado em tempos de plataformação e algoritimização da vida, mas penso que nunca foi tão atual a discussão sobre a lógica cognitiva da noticiabilidade em um momento histórico no qual cada pessoa busca ser o próprio “editor-chefe” de sua timeline.

R – Recentemente, você retornou aos Estados Unidos para continuar suas pesquisas sobre jornalismo. Com base nas ideias de Marshall MacLuhan sobre “o meio e a mensagem”, de que forma seria possível gerenciar, atualmente, os critérios de noticiabilidade como descritos por Nelson Traquina e outros autores?

É muito curioso quando olhamos para as voltas que a vida dá, suas coincidências e como isso impacta nossa carreira profissional. Voltei aos Estados Unidos em 2022 com uma bolsa do CNPq para realizar um pós-doutorado na Michigan State University, em Lansing, capital do estado de Michigan, sob supervisão do professor Tim Vos, um dos autores mais citados internacionalmente nos estudos em jornalismo. Anos antes de eu ir à Syracuse University em 2011, Tim Vos também havia passado por lá para desenvolver seu doutorado sob orientação de Pamela Shoemaker. Foi ela que, em 2016, nos Estados Unidos, durante um simpósio que celebrou sua carreira, apresentou-me a Tim Vos e possibilitou que posteriormente eu edificasse minha própria interlocução com suas pesquisas. Assim como Pamela, Tim Vos é muito mais do que um pesquisador brilhante, é também um grande ser humano. Foi nesse período de 12 meses em Michigan que passei a desenvolver reflexões sobre as dimensões

constitutivas das notícias – ou características históricas das notícias, como passamos a chamar as categorias de análise no âmbito da pesquisa – e construí a hipótese de que a sobreposição dessas dimensões, umas sobre as outras, ajuda a compreender o fenômeno contemporâneo da desinformação. Em síntese, tenho trabalhado atualmente o raciocínio de que a dimensão estético-expressiva das notícias – isto é, sua aparência, formato, estilo, apresentação etc. – tem se adensado sobre as dimensões pragmática (relacionada às relações de verossimilhança no plano empírico e aos processos de verificação na realidade concreta) e ético-deontológica (os valores profissionais envolvidos na construção noticiosa). Esse processo se dá na própria vida cotidiana como um padrão cultural de nosso tempo no qual as aparências das coisas importam mais que suas essências. Trata-se de uma reflexão que apresenta um elevado grau de abstração, mas parece-me fazer muito sentido para entender a circulação social de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa, a exemplo das chamadas fake news. Acredito fortemente que essa interpretação do fenômeno se mostra muito mais efetiva e próxima da complexidade do consumo contemporâneo de informações do que tentarmos classificar os critérios de noticiabilidade em listas estanques, como a pesquisa em jornalismo fez durante muito tempo.

R – Por fim, gostaríamos que falasse sobre a relação entre a teoria, a pesquisa e o ensino do jornalismo após o falecimento do professor Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, em 2020. Qual a sua perspectiva de inovações aos estudos em Ciências da Comunicação?

Por essas coincidências da vida difíceis de explicar, tive a oportunidade de ter algumas conversas com o professor Ciro Marcondes Filho fora do ambiente acadêmico em razão de uma grande amizade que mantive com uma pessoa muito próxima do círculo pessoal dele naquele momento, por volta de 2012, quando retornei do estágio nos Estados Unidos. Para além de tê-lo como minha referência bibliográfica, pude notar seu brilhantismo para falar das coisas mais simples da vida. Nessas conversas, pouco falamos sobre pesquisa, muito menos sobre Teorias do Jornalismo. Parece-me que ao desenvolver sua complexa Teoria da Comunicação, o enfoque nas especificidades do jornalismo foi deixando de ter

protagonismo nas reflexões de Marcondes Filho. Ainda assim, ele foi autor de textos muito importantes para o desvelamento de um pensamento crítico sobre a práxis jornalística no Brasil, a exemplo do clássico *A saga dos cães perdidos* (2000). É interessante vermos a forma que autores referenciais como Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré, em tradições teóricas distintas, foram se afastando das especificidades do campo jornalístico para pensar a comunicação como um fenômeno mais abrangente. Eles, porém, não deixaram de sedimentar reflexões fundamentais para entendermos o estado do conhecimento contemporâneo sobre as transformações nas práticas de se relatar o cotidiano – foco do jornalismo. No caso de Muniz Sodré, é bastante intrigante notar que entre algumas obras importantes e abrangentes devotadas a ampliar o olhar sobre a comunicação e a sociedade nessa fase mais recente de sua carreira nos últimos 20 anos – refiro-me a *Antropológica do Espelho* (2002) e *A Ciência do Comum* (2014) – ele também publica, em 2009, *A narração do fato*, uma reflexão brilhante sobre o jornalismo como construção cultural inscrita na pontuação rítmica da vida cotidiana. O que posso dizer de forma bastante humilde sobre minhas leituras e interpretações desses expoentes do campo – e sobre minhas experiências no exterior – é que a pesquisa em comunicação e em jornalismo no Brasil contém um refinamento e uma complexidade muito significativa que o mundo precisa conhecer melhor. As grandes contribuições de autores como Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré, para ficar apenas em dois nomes aqui já mencionados, cada um em seu âmbito teórico-conceitual, só ilustram isso.

Referências

MARCONDES FILHO, C.V. R. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

SILVA, M. P. *A representação da segunda guerra mundial em um semanário do interior paulista*. O Eco (1939-1944). 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

SILVA, M. P. *A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana*. 2013. Tese (Doutor em Comunicação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L.; SILVA, G. (Orgs.). *Critérios de Noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, M. P.; AGUIAR, L.; MARTINEZ, M. (Orgs.). *Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo*. São Paulo: Intercom, 2018.

SILVA, M. P.; MARTINEZ, M.; STORCH, L. (Orgs.). *Pesquisa em Jornalismo: dos conflitos em pauta aos conflitos do campo*. Rio de Janeiro: SBPJor, 2019.

SILVA, M. P.; MARTINEZ, M.; STORCH, L. (Orgs.). *Pesquisa em jornalismo e ética profissional*. Brasília, DF: SBPJor, 2020.

SILVA, M. P.; BACCIN, A.; STORCH, L. (Orgs.). *Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de pandemia*. Brasília, DF: SBPJor, 2021.

SILVA, M. P.; OTA, D. C. (Org.). *Fronteiras culturais e práticas comunicativas*. Campo Grande: UFMS, 2023.

SODRÉ, M. *Antropológica do Espelho: uma teoria linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, M. *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

submetido em: 5 out. 2023 | aprovado em: 22 out. 2023